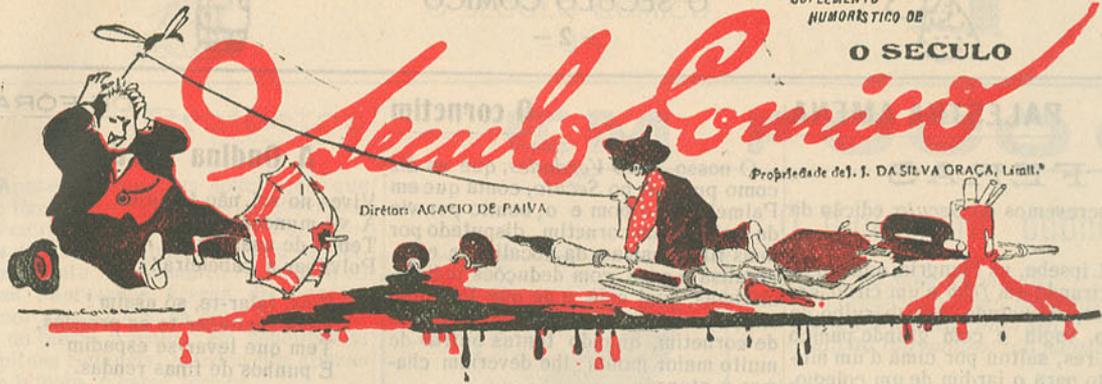


SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lrmt.ª

Director: AGACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43—Lisboa

CRUELDADE



Com musica do «Passarinho trigueiro»:

— Papilons da roleta
 Que fazem agora?
 — Com as azas cortadas
 Vamo-nos embora!

PALESTRA AMENA

FERAS

Transcrevemos do *Seculo*, edição da noite:

«Em Lipsebe, na Hungria, quando se estava tirando um *film* n'um circo, um dos leões, assustado pelo barulho do aparelho, fugiu e com grande pânico dos actores, saltou por cima d'um muro, dando para o jardim de um colegio, onde as crianças estavam no recreio.

«Foi grande o espanto do domador, ao ver que o leão não fez o menor mal a essa irrequieta multidão de crianças de 4 a 7 anos, que aclamavam a chegada da fera, como se fosse um alegre e divertido numero do seu recreio. Quando o domador, de revólver em punho, entrou no jardim, encontrou o pobre animal encolhido contra o muro, parecendo pedir-lhe protecção».

Se o diabo não quiz nada com as crianças, não admira que um leão nada quizesse, mas não é sob esse ponto de vista que vamos encarar o caso. Este presta-se a algumas reflexões filosóficas e como a filosofia é o nosso forte, mal pareceria deixarmos fugir ocasião tão propicia, para a expandirmos.

Pois não se tira d'aqui, imediatamente, a conclusão de que ha feras muito menos ofensivas do que homens? Dir-nos-hão que se trata d'uma fera domada— mas o homem não é um animal domesticado, mais que domesticado, educado, civilisado?

Compare-se o procedimento d'este leão ao de muitos brutos humanos, que todos conhecemos, que caissem no meio d'um grupo de crianças e por estas fossem atormentados com brincadeiras; pois não será certo que correriam a pequenada a açoites, se não lhe fizessem peor?

Vamos agora á significação que teria a attitude medrosa do leão, perante os garotos de 4 a 7 anos. O bicho não distinguiu entre miudos e gente crescida; viu apenas que os rapazinhos tinham forma humana e na rudeza do seu cerebro surgiu a recordação dos maus tratos a que um ser do mesmo feitio o tinha sujeitado. Era a maldade humana o que se lhe apresentava diante dos olhos, aquela maldade que o chicoteava sem motivo, que o feria com ferros em braza logo que ele, leão, esboçava uma patada defensiva... Que seriam capazes de lhe fazer, a que tormentos o sujeitariam aqueles animaisinhos de mãos no ar, tão bulichosos e expansivos? Tinha já ouvido dizer, o misero felino, que havia quem matasse leões unicamente para lhes aproveitar a pele, não para com ela se fabricarem objectos necessarios á vida do homem, mas tapetes para ornamentação de sobrados, golas e regalos para atavios de damas...

Ah! o susto do leão foi bem justificado!

J. Neutral.

O nosso *João Verdades*, que as diz como punhos, no *Seculo*, conta que em Palmela vai o bom e o bonito por via da posse d'um cornetim, disputado por duas filarmônicas da localidade e generalisa o caso, com deduções judiciosissimas, qual seja a de que Portugal em peso está absorvido em questões de cornetim, quando tantas outras de muito maior monta lhe deveriam chamar a atenção.

Alto lá! exclamamos nós. *João Ver-*



dades anda na lua. O cornetim de Palmela é, realmente, um simbolo das bagatelas nacionais, mas, ainda assim, representa qualquer coisa de importancia, emquanto que as miudezas em cuja discussão os politicos se esgotam não valem nem a ponta d'um chifre.

Não é, pois, o cornetim aquilo que devemos ir buscar na referida controversia mas a propria Palmela. Mais por aqui, mais por ali, toda a nossa politica lá, vai dar.

Torre de chifre

A madrinha de guerra

Escrevo-te, minha madrinha,
No meio de horriveis tranzes!
Ainda que de longe me lances
O teu olhar carinhoso,
Tão longe da terra minha
Onde ha perfumes de flôres
E passaros voadores
No cemiterio do Repouso!

Voltarei sim ou não
A Portugal, meu berço?
Raras vezes me convengo
De que voltarei um dia!
Terei a satisfação
De ver ainda meus irmãos
E meus pais cidadãos
Da cidade da alegria?

Minha madrinha, consola
A minha familia distante
Que tem saudade constante
Por este pobre infeliz
Cantam cantos á viola
Que eu tambem cá vou cantando
Na guitarra chorando
As saudades do meu paiz!

Hilario da Costa Gomes.

O cornetim

DE FÓRA

A Ondina Perdígão

Vives no sol, não te suje
A vil mundana poeira!...
Tenho de usar *talon rouge*,
Polvilhar a cabeleira!

Pois, falar-te, só assim!
Para enaltecer-te as prendas,
Tem que levar-se espadim
E punhos de finas rendas.

Em curvatura graciosa,
N'um passo de minuete,
Ocultar a voz fanhosa,
E falar terno, em falsete.

Ter o porte reverente
Dos *abbés* em caramunchas,
E beijar-te simplesmente
O roseo espelho das unhas.

Mas escrever-te?! Isso agora!...
Quem a tanto se abalança?!
Só com tinta côr de aurora,
Que é tambem côr de esperança.

Se me falta engenho e arte,
A escrever-te não me atrevo;
Tambem não posso falar-te:
Não te falo nem te escrevo,

C. M.

Insignificancias

Ha grèves que se justificam, sem duvida, mas ha outras que não teem sombra de justificação; por exemplo, a da policia, que se esboçou no Porto.

Querem os senhores saber por que motivo os civicos da capital do norte se recusaram um dia d'estes a fazer serviço? Por isto, apenas: porque não lhes pagaram o ordenado!

Contavam os homens receber o que lhes era devido em dia determinado,



esperavam liquidar n'esse dia as suas contas com os mercieiros e outros fornecedores, tinham emfim, destinado o dia do pagamento para outros divertimentos semelhantes e lá porque se viram privados do pão, que o padeiro não quiz talvez fiar, porque os crédores lhes bateram á porta, porque as mulheres e os filhos os apoquentavam com pedinchas, aqueles exaltados tiveram esta idéa subersiva: não adiantar trabalho a quem não lhes pagava o anterior!

Não ha sombra de patriotismo n'este paiz!



Projectos

Apezar de repetidas solicitações que lhe fizemos, o nosso querido Jerolmo, conceituado emprezario do *Pauliteama* de Peras Ruivas, recusou-se teimosamente a transmitir á esposa as suas impressões ácerca da opereta *Amor de apaches*, ha dias representada no teatro Avenida, em beneficio da capitosa Satanela. Mandou-nos apenas um bilhete, n'estes termos:

«Incelentíçimo sr.

Nan tanho tempo para cunversas porque aquella ideia cus otores du *Amor de apaxes* tiveram de metter nu 2.º ato uma senada *Revultosa* sujeri-me a ideia de fazer tamem uma pessa



porque agora é que eu veijo que nan á nada mais facil que fazer pessa originais. Inté ó feturo.

Seu amigo ubrigado
Jerolmo».

Pois não se vá o homem sem resposta, porque a muita gente boa ocorreu o mesmo pensamento. Esta semana já o correio nos trouxe, para apreciarmos, tres peças qual d'elas mais original, que em breve veremos representadas. Damos o esboço d'uma d'elas para o leitor ficar fazendo uma pequena idéa do novo genero dramatico.

Amôr e ciueme

1.º ATO. — Cêna 1.ª do *Mercador de Veneza*, cêna 4.ª do 2.º ato da *Rosa enfeitada*, cêna 8.ª do 1.º ato do *Hamlet*, cêna 11.ª do 3.º ato do *Otelo*, cêna 2.ª do 1.º ato do *Solar dos Barrigas*. Apoteose de Mergulhão.

2.º ATO. — Cêna 5.ª do 1.º ato da *Verbena de la Paloma*, cêna 1.ª do 3.º ato do *João Ratão*, cêna 10.ª do 2.º ato da *Aida*, cêna 4.ª do 1.º ato dos *Peraltas e secias*. Apoteose de Salvador.

3.º ATO. — Cêna 2.ª do 1.º ato do *Pé de meia*, cêna 6.ª do 3.º ato do *Comissario de policia*, cêna 5.ª do 2.º ato do *Medico á força*, cêna 12.ª do 2.º ato do *Marquês de Villemer*, cêna 5.ª do 1.º ato da *Rosa enfeitada*, cêna final do *Fausto*. Apoteose de Augusto Pina.

O autor d'este lindissimo trabalho occulta-se com o pseudonimo de Couve Lombarda.

EM FOCO

O funcionario publico



Então não me saiu assomadiço, Terrível, assanhado como um gato, Esse manga d'alpaca timo ato, Por tradição tão manso, tão submisso?

— Ah! vocês não me pagam? ele é isso? Vocês supõem que não quebro um prato?! (Exclamou) *Pois vão ver como eu o trato! E pronto! Nunca mais fui ao serviço.*

O triste resultado viu-se em breve; O abalo em toda a parte foi profundo; O mal que produziu não se descreve.

Imaginem agora que os secundo... Se os sonetos suspendo e faço grêve Não ha que duvidar! Acaba o mundo!

BELMIRO

Correspondencia

Letrado X — Letrado é que nos parece. Vá aprender a escrever.

D'af a termos a visão do borracho, ou mesmo a estarmos todos borrachos, não vai um salto de pulga.

Tristezas

... Não pagam dividas.

No dia em que, sem governo, maiores deviam ser as apreensões pelo futuro d'esta linda terra, um jornal publicava, na 1.ª pagina, a seguir a um violento artigo politico, o seguinte: «SANTAREM—E' na praça de touros d'aquella cidade que este ano se ver fica a primeira corrida da temporada, no proximo domingo, 14...»

E' inutil dizer que a leitura d'esta noticia desanuviou prontamente o espirito de quem leu o artigo que a precedia.

Lembram-se da anedota do *Espartero*?

Chegou a Madrid um estrangeiro e quando se dirigia para o hotel teve de parar porque um cortejo funebre, com milhares de pessoas a acompanhar o caixão, interrompia o transitio.

— Quem morreu? perguntou o homem a um espanhol.

— Espartero.

— Ah! o ministro?

O espanhol:

— Qual! o toureiro!

Quería ele dizer na sua que o falecimento do ministro não causaria impressão que se parecesse com a que tinha causado a morte do toureiro.

A Santarem, amadores!

Loucura mistica

Dizem do estrangeiro, em telegrama, que os habitantes de Falkenberg estão atacados de loucura mistica, que consiste em imaginarem que o Espirito Santo lhes aparece.

Como catholicos, que nos presamos de ser, não nos repugna acreditar que se trate de uma verdadeira aparição sobrenatural, mas d'outro lado, como homens de ciencia, que tambem nos presamos de ser, não estamos longe de supor que o que aparece frequentemente aos falkenbergenses seja algum borracho que, como se sabe, tem a figura do dito Espirito.

Final, estes casos de loucura cole-



ctiva são vulgarissimos; mesmo entre nós eles se teem dado, conforme a Historia reza: pois não estivemos durante seculos convencidos de que D. Sebastião nos appareceria n'uma manhã de nevoeiro? E agora mesmo, não se nos meteu na cabeça que aumentando os salarios o preço dos generos se conserva estacionario?

Programas

O programa dos governantes, segundo a declaração do seu presidente, é: «Ordem publica! Ordem publica! Ordem publica!»

O dos governados, dirigido aos governantes, dizem-nos que será: «Juizo! Juizo! Juizo!»

O ultimo exito teatral



A danação do Fausto...